



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ISABELLY MARIA MOREIRA ROCHA

**A CONCEPÇÃO DE GINÁSTICA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS
ESCOLAS DA REGIONAL III DE FORTALEZA/CE**

FORTALEZA

2017

ISABELLY MARIA MOREIRA ROCHA

A CONCEPÇÃO DE GINÁSTICA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS
DA REGIONAL III DE FORTALEZA/CE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Educação Física do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará para obtenção do grau de Licenciado.

Orientadora: Prof.^a Lorena Nabanete dos Reis

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R573c Rocha, Isabelly Maria Moreira.
A concepção de ginástica dos alunos do Ensino Médio de escolas da Regional III de Fortaleza/CE /
Isabelly Maria Moreira Rocha. – 2017.
55 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação
Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Ma. Lorena Nabanete dos Reis .
1. Educação Física Escolar. 2. Ginástica. 3. Conteúdos. I. Título.

CDD 790

FICHA DE APROVAÇÃO

ISABELLY MARIA MOREIRA ROCHA

A concepção de ginástica dos alunos do ensino médio de escolas
estaduais de Fortaleza-CE

APROVADO, em: 09, fevereiro, 2017.

Profa. Ms. Lorena Nabanete dos Reis – Orientadora
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.



Prof.º Dr Leandro Masuda Cortonesi
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.



Profa. Ms. Luciana Maria Fernandes Silva
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Fortaleza – CE

2017

Aos meus pais, que com muito amor, apoio e dedicação não mediram esforços para me ajudar nesta etapa tão importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me capacitado de sabedoria para não desistir diante das dificuldades encontradas durante todo o percurso.

À família que sempre estava ao meu lado acreditou e torceu pelo meu sucesso.

A minha orientadora e professora Lorena Nabanete que desde o início me incentiva a dedicar-me mais a área de ginástica, mostrando que devemos sempre buscar a inovação e trabalhar com entusiasmo, paciência e amor e durante todo o processo da faculdade sempre se mostrou prestativa no que fosse preciso.

Agradeço também a professora Luciana Maria e ao professor Leandro Masuda que dedicaram seu tempo para analisar e melhorar meu trabalho, com bastante atenção e entrega.

Enfim, fico grata aos meus amigos que estavam comigo desde o primeiro dia de aula e me deram forças para finalizar esse processo e também a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação.

RESUMO

A Educação Física Escolar tem historicamente uma relação estreita com o campo da ginástica e, no entanto, atualmente é raro perceber a presença desse conteúdo nas aulas, sendo muitas vezes privilegiados os esportes e jogos em detrimento de outros assuntos. Por isso, neste trabalho temos por objetivo analisar os conhecimentos dos alunos acerca dos conteúdos da ginástica. Assim, selecionamos sete escolas estaduais da Regional III de Fortaleza/CE realizando os questionários com os alunos do 3º ano do Ensino Médio. Os dados foram analisados de acordo com estatística descritiva para questões objetivas e as questões subjetivas foram analisadas por meio da Análise de conteúdo de Bardin (2011). Analisamos 291 questionários, dos quais chegamos a alguns resultados, em que concluímos que apesar de prevista em documentos oficiais, a ginástica não é contemplada na sua totalidade por diversos motivos e, além disso, o conhecimento dos alunos sobre esse assunto se restringe ao que eles veem na mídia. Então, sabendo disso, para reverter essa situação uma das possibilidades de trabalhar a ginástica na escola seria a partir da Ginástica Para Todos (GPT), como também divulgando o universo de conhecimentos ginásticos para os professores se sentirem seguros em repassar isso para seus alunos.

Palavras chave: Educação física escolar; ginástica; conteúdos.

LISTA DE ABREVIATURAS

E.F.E.: Educação Física Escolar

G.E.: Ginástica Escolar

GG: Ginástica Geral

GRD: Ginástica Rítmica Desportiva

GPT: Ginástica Para Todos

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Você participa/ já participou das aulas de Educação Física?	32
Tabela 2 - Qual a forma da aula?.....	33
Tabela 3 – Ocorrência da ginástica nas aulas de Educação Física	37
Tabela 4 - Se você teve ginástica nas aulas de Educação Física gostou da experiência com esta prática? Por quê?	40
Tabela 5 – Se não teve gostaria de ter aulas de ginástica? Por quê?	41
Tabela 6 – Exemplos de respostas de cada categoria.	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Conteúdos segundo os PCN’S aprendidos nas aulas de Educação Física.....	34
Gráfico 2 – Ginásticas conhecidas pelos alunos em ambiente formal e informal.....	35
Gráfico 3 – Possibilidades de conhecer a ginástica.....	36
Gráfico 4 – Tipos de ginásticas conhecidas.....	38
Gráfico 5 – Formas da aula com ginástica.....	39
Gráfico 6 – Motivos de ter gostado da aula com ginástica.....	40
Gráfico 7 – Motivos para querer ter aula de ginástica na Educação Física Escolar.....	42
Gráfico 8 – Compreensão de ginástica.....	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVO	13
3	HISTÓRICO	14
4	GINÁSTICA NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	19
5	A REALIDADE ATUAL DA GINÁSTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS	25
6	METODOLOGIA.....	30
7	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS	46
	ANEXOS	50
	ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO.....	51
	ANEXO 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO.....	53

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a Educação Física Escolar tem relação estreita com o campo da ginástica, desde a criação dos Métodos Ginásticos até a sua chegada ao Brasil, quando foram introduzidos gradualmente na sociedade, inclusive nas escolas. Todo esse processo histórico levou a uma sistematização da Educação Física Escolar, tendo naquele período a ginástica como conteúdo principal. Ao passar dos anos, a ginástica foi deixada de lado para ser dada ênfase aos esportes.

Até mesmo as Diretrizes nacionais indicam a ginástica como conteúdo a ser ministrado, mas na realidade isso não acontece, por diferentes motivos, como por exemplo a falta de preparação dos professores, falta de materiais ou desinteresse dos alunos sobre o tema.

Hoje em dia, vivenciamos este fato na prática quando por muitas vezes ao visitar escolas ou até mesmo nos estágios nos deparamos com aulas monótonas e repetitivas, deixando os alunos livres para escolherem o que fazer.

Sendo assim, baseando-se nesse contexto pretendemos aqui responder a seguinte questão: tendo em vista que a ginástica é um dos conteúdos da Educação Física Escolar, quais os conhecimentos que os alunos do Ensino Médio das escolas estaduais de Fortaleza possuem acerca dos conteúdos de ginástica na Educação Física Escolar?

Dessa forma, dividimos a revisão literária em três capítulos. No primeiro iremos apresentar o histórico da ginástica, sua sistematização e a chegada ao Brasil até a introdução nas escolas. No segundo capítulo falaremos sobre a ginástica no currículo de Educação Física do ensino fundamental e médio, no qual mostraremos quais os documentos que tem a ginástica como proposta curricular e explicaremos como esse conteúdo é desenvolvido em cada abordagem da Educação Física. E por fim no terceiro capítulo iremos abordar como se encontra a realidade atual da ginástica nas escolas públicas e os possíveis motivos para ela não ser mais trabalhada nas escolas.

Os dados serão analisados de acordo com estatística descritiva para questões fechadas e a questões abertas serão analisadas por meio da Análise de conteúdo de Bardin (2011), na qual as respostas são divididas em unidades de registro que indicam apontamentos comuns dos sujeitos da pesquisa.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

Analisar os conhecimentos dos alunos do 3ºano do Ensino Médio de escolas estaduais da regional III de Fortaleza acerca dos conteúdos da ginástica.

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar a vivência de ginástica dos alunos no ambiente formal e não formal, buscando subsídios dentro do contexto escolar;
- Relacionar o conhecimento dos alunos sobre os conteúdos ginásticos com os previstos nos documentos oficiais de embasamento legal da Educação Física.

3 HISTÓRICO

A ginástica de forma sistematizada surgiu em um contexto social e político no qual várias transformações ocorriam. Por volta do final do século XIX e início do século XX a Europa passava por diversas mudanças, acontecendo duas grandes revoluções que influenciariam mais tarde todo o mundo em diversas áreas de conhecimento.

A Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra, e a Francesa trouxeram alguns problemas à sociedade, como afirma (SOARES, 1994, p.10)

A urbanização e a proletarização da Europa, decorrentes da Revolução Industrial, especialmente nos países centrais da dupla revolução (França e Inglaterra), demonstram e exportam para o mundo um tipo de vida degradante a que foi sujeita parcela significativa de sua população. O crescimento rápido e desordenado das cidades e áreas industriais não foi acompanhado pela ampliação dos serviços mais elementares nas cidades, como, por exemplo, a limpeza das ruas e os serviços sanitários. O aparecimento das grandes epidemias, como a cólera, o tifo e a febre recorrente entre 1831 e 1840, evidencia de forma contundente a deterioração do espaço urbano (SOARES, 1994, p.10).

A falta de estrutura nas grandes cidades acarretou em complicações antes desconhecidas pela população segundo Singer, Campos e Oliveira (1981), citado por Soares (1994, p.11), “a prostituição, o alcoolismo, o infanticídio e a demência eram comuns”. Em virtude de todos os problemas advindos das Revoluções e o rápido crescimento das cidades, a moralização sanitária na Europa tratou de reorganizar o espaço de vida dos indivíduos, juntamente com o discurso das classes no poder, que afirma a necessidade de garantir as classes mais pobres não somente a saúde, mas também uma educação higiênica e, através dela, a formação de hábitos morais, tendo a Educação Física como meio capaz de alcançar esses objetivos (SOARES, 1994).

A Educação Física então se torna a salvadora de todos os males existentes na sociedade como aponta, Soares (1994, p.14) “ela incorporara e veiculara a ideia da hierarquia, da ordem, da disciplina, da fixidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual”. Desta maneira, atribui a Educação Física um caráter biológico e eugenista, capaz de moralizar e melhorar a sociedade por meio de exercícios físicos praticados dentro e fora das escolas.

É neste cenário que ocorre o surgimento na Europa dos Métodos Ginásticos. Estes métodos foram sistematizações criadas por médicos, pedagogos ou militares que buscaram organizar a prática das atividades físicas. Segundo Soares (1998, p.20)

[...] este movimento apresentava particularidades do país de origem, mas, de um modo geral, acentuava finalidades muito semelhantes, como, por exemplo, regenerar a raça e promover a saúde em uma sociedade marcada pelo alto índice de mortalidade e de doenças, sem contudo alterar as condições de vida e de trabalho. Em um outro plano, as finalidades completavam-se pelo desejo de desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver para servir a pátria nas guerras e na indústria. Mas a finalidade maior foi, sobretudo, moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver (SOARES, 1998, p.20).

O Método Alemão tinha como característica principal o nacionalismo, o qual seria conseguido com homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis; seus idealizadores acreditavam que este "espírito nacionalista" e este "corpo saudável" poderiam ser desenvolvidos pela ginástica, construída a partir de "bases científicas" (SOARES, 1994).

Segundo Soares (1994, p. 43) Johan Bernard Basedow (1723-1790), pedagogo alemão, cria, em 1774, o Philantropinum, um estabelecimento de ensino que tinha como objetivo formar os cidadãos do mundo tornando-os aptos a uma vida mais útil e também mais feliz, sendo a primeira escola a incluir a ginástica no currículo, no mesmo plano das matérias chamadas teóricas ou intelectuais. Posteriormente, três grandes autores merecem destaque: Guths Muths, considerado o Pai da Ginástica Pedagógica, que baseada nas leis da fisiologia, deveria ser organizada pelo Estado e ministrada todos os dias para todos: homens, mulheres e crianças (Soares, 1994). O segundo idealizador é Jahn, que de acordo com (SOARES, 1994, p.53)

[...] reforçará, para além da saúde e da moral, o caráter militar da ginástica. Ele acreditava que, para formar o "homem total", a ginástica deveria estimular a aplicação dos jogos, pois eles constituem verdadeira fonte de emulação social, e dava especial atenção às lutas uma vez que lhe era sempre presente a possibilidade de uma guerra nacional. Em suas formulações práticas para a execução dos exercícios físicos, Jahn cria "obstáculos artificiais", que mais tarde serão denominados "aparelhos de ginastica" (SOARES, 1994, p.53).

Outro precursor do Método Alemão foi Adolph Spiess (1810-1858) que se preocupou com a ginástica nas escolas e, assim como Basedow, propôs que um período do dia fosse dedicado ao exercício físico (SOARES, 1994).

Na Suécia outro método surge com o objetivo de eliminar os vícios da sociedade e criar indivíduos fortes e saudáveis. Conforme Soares (1994, p.57), Pehr Henrick Ling (1776-1839) propõe um método de ginástica impregnado de nacionalismo e destinado a regenerar o povo, formar, enfim, homens de bom aspecto que pudessem preservar a paz na Suécia. Dividiu-a ainda em quatro partes: Ginástica militar, Ginástica médica e ortopédica, Ginástica

estética, todas tendo como base a Ginástica pedagógica ou educativa. Por ser um método pautado pela ciência, com fins não acentuadamente militares, mas "pedagógicos" e "sociais", e possuir uma "base científica", desperta o interesse dos meios intelectuais, que acabam justificando, seja pelo idealismo, seja pela razão, a necessidade de sua prática (SOARES, 1994).

Já o Método Francês teve como ideal que todo cidadão teria "direito à educação", e assim buscou contribuir para a formação do homem "completo e universal". Seu fundador, D. Francisco de Amoros y Ondeano (1770-1848), imbuído dos ideais patrióticos e morais, criou um método de ginástica bastante semelhante ao de Ling na Suécia. Sua ginástica, de acordo com a finalidade, poderia ser: civil e industrial, militar, médica e cênica ou funambulesca (SOARES, 1994). Esse método apresentava um caráter bastante utilitário e conforme Langlade & Langlade (1970), citado por Soares (1994, p.64) “a partir de 1850, a ginástica amorosiana integrou os currículos de todas as escolas primárias e se tornou obrigatória para as escolas normais” [...].

Outro idealizador deste método foi Demeny, como um missionário da nova religião, a religião do progresso, ele deslumbra-se com a ciência e aprofunda em si a consciência do poder, quase absoluto, por ela revelado. Dedicou-se então a sistematizar as conquistas no campo da pesquisa do movimento afirmando, já nas décadas finais do século XIX e início do século XX, uma característica marcante na concepção francesa de ginástica/educação física: o “ecletismo” (SOARES, 1998, p. 96). Estava dado então, para Demeny, o papel social da educação física: ela ensinaria ao indivíduo como evitar o desperdício de forças nas atividades e, assim, seria tão benéfica para formar atletas como para melhorar a condição dos fracos (SOARES, 1998, p.98).

Assim como na Europa, mudanças sociais vinham acontecendo no Brasil como afirma Gondra (2004), citado por Albuquerque (2009) em que “as populações urbanas passaram a sofrer de males que antes não eram vistos nas populações rurais; esses males se configuravam em grandes surtos epidêmicos, febres, infecções e os contágios se davam pelo ar e pela água, disseminando diferentes tipos de doenças e acresciam os índices de mortalidade”. Assim, instituições de ensino, construindo aos poucos uma “pedagogia de base médica”, encontraram nas atividades físicas e ginásticas incluídas no contexto escolar, componentes considerados fundamentais para resolver esses problemas. Além disso, “No caso do Brasil, a Educação Física aparecera vinculada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça” (SOARES, 1994, p.18), tomando como base o modelo europeu.

O primeiro método ginástico a ser utilizado no Brasil foi o alemão e sua aceitação se deu, segundo Anjos (1995), citado por Perdomo (2011, p.24)

[...] pois um grande número de famílias vindo da Alemanha e se deslocando para o Sul do País, conservaram determinados costumes culturais, dentre estes estava à ginástica alemã. E nos revela que a mulher de D. Pedro I, D. Leopoldina, incitou em trazer para cá levas de colonos alemães, vendo nesse aspecto dupla vantagem, quer pela possibilidade de melhorar a raça, quer pela importação de gente laboriosa, de hábitos europeus e cultura mais adiantada que a nossa (PERDOMO, 2011, p.24).

Nesta época “o método alemão é consagrado como o método oficial do exército brasileiro” (SOARES, 1994, p.57) e também data deste período a força que a camada militar ganhava no meio civil e dessa maneira, em “1870 chegou ao ensino primário, [...], cuja regulamentação se deu através do documento conhecido como “Nova guia para o ensino da Ginástica nas Escolas da Prússia”, que concretizou-se na primeira publicação oficial de um manual de Ginástica, traduzido e divulgado por ordem expressa do então Ministro do Império (GOELLNER, 1992), citado por Perdomo (2011, p.25). O método alemão perdurou nas escolas brasileiras até aproximadamente 1920, “quanto as escolas primárias, o método alemão não foi considerado pelos brasileiros como o mais adequado”. (SOARES, 1994, p. 57).

Posteriormente, tanto Soares (1994, p.60) como Perdomo (2011, p. 27) afirmam que Rui Barbosa foi um grande defensor da ginástica sueca, dada sua característica primordial pedagógica, sendo mais adequada às instituições escolares ao contrário do método alemão que vai se restringindo aos estabelecimentos militares. Entretanto, de acordo com Perdomo (2011, p. 28)

[...] a substituição do método de Ginástica alemão pelo método sueco de Ginástica, alterou somente no modo como a Ginástica passou a ser ensinada nas instituições de ensino brasileiras, sendo dinamizada desta vez por um viés totalmente pedagógico, sem o marcante autoritarismo do método Alemão. Entretanto, os objetivos que se buscavam com relação à constituição da sociedade continuavam os mesmos, estando eles centrados na formação moral e física do povo brasileiro, através de atividades que privilegiassem o higienismo, a disciplina e a eugeniação da raça brasileira (PERDOMO, 2011, p. 28).

Contudo, a Ginástica sueca, não legitimou-se concretamente nas instituições escolares brasileiras, uma vez que sustentou os mesmos objetivos do método alemão, que estavam ligados ao fortalecimento da raça e a preparação dos indivíduos para a produção industrial, de modo que o método ginástico sueco não chegou a ser oficialmente implantado no país (PERDOMO, 2011, p.29).

Em seguida, como menciona Soares (1994, p.67) “no Brasil, a ginástica francesa foi

oficialmente implantada em 12 de abril de 1921, através do decreto n. 14.784”. Conforme Cantarino Filho (1982), citado por Soares (1994, p.67) anos mais tarde, em 1929, o Ministério da Guerra, através de uma comissão formada por civis e militares, elabora um anteprojeto de lei, cujo conteúdo determinava que "Educação Física fosse praticada por todos os residentes no Brasil e com obrigatoriedade em todos os estabelecimentos de ensino". Segundo Cantarino Filho (1982), citado por Perdomo (2011, p. 30) o método francês de Ginástica foi amplamente difundido nos ensinos primários, secundários e superiores, sendo oficialmente utilizado no ano de 1940 por um “total de 88,87%” das escolas de ensino secundário do país, de modo que a Ginástica francesa se consolidasse contundentemente como o principal fazer pedagógico da Educação Física brasileira, para não dizer como o único conteúdo das aulas de Educação Física.

Por sofrer uma forte influência militar e médica naquele período, conforme Darido (2011, p. 3) a Educação Física era considerada como disciplina essencialmente prática, não necessitando, portanto, de uma fundamentação teórica que a desse suporte. Por isso, não havia distinção evidente entre a Educação Física e a instrução física militar.

Anos depois, em 1958 e 1962 a Seleção Brasileira de Futebol se destacou em duas Copas do Mundo, posteriormente por volta de 1964 os governos militares assumiram o Poder Executivo do País e planejaram usar as escolas públicas e particulares como fonte de propaganda do regime militar. Com o sucesso internacional do futebol brasileiro nas Copas, o Governo levou à associação da Educação Física escolar com o Esporte, passando a investir pesado, na tentativa de fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico na medida em que ela participaria na promoção do País através do êxito em competições de alto nível (DARIDO, 2011).

Nesse contexto, “o esporte passa a substituir, com vantagens, a ginástica como técnica corporal que corporifica/condensa os princípios que precisam ser incorporados (no duplo sentido) pelos indivíduos” (BRACHT, 1999, p. 75). Essas influências são vistas até os dias de hoje, sendo o esporte o conteúdo principal e muitas vezes único nos currículos das escolas.

4 GINÁSTICA NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Durante a década de 1980 ocorreu uma entrada mais expressiva das ciências sociais e humanas na área da Educação Física, processo que permitiu ou fez surgir uma análise crítica do paradigma da aptidão física (BRACHT, 1999). Assim, nesse período houve mudanças nas concepções da Educação Física Escolar em oposição à vertente anterior que era tecnicista, esportivista e biologicista, em um processo que envolveu diversas transformações, tanto nas pesquisas acadêmicas nesse segmento, quanto na prática pedagógica dos professores do componente curricular (DARIDO, 2011).

Aos poucos, abordagens foram surgindo com características específicas, buscando transformar a Educação Física no cenário escolar em um conteúdo mais crítico e pedagógico e não apenas repetitivo ou que buscasse o alto rendimento esportivo. Dentre esses modelos, alguns citam a ginástica como conteúdo a ser trabalhado nas aulas ou como meio para a aprendizagem, como veremos a seguir.

O primeiro movimento que surge a partir da década de 1970, em contraposição aos modelos anteriores foi o da Psicomotricidade que é fundamentado na interdependência do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo dos indivíduos, buscando desatrelar sua atuação na escola dos pressupostos da instituição esportiva, valorizando o processo de aprendizagem, e não mais a execução de um gesto técnico isolado (DARIDO, 2011).

Outra proposta é a chamada abordagem Desenvolvimentista que segundo Azevedo (2000, p. 4) tem o movimento como caminho principal da Educação Física, por meio dos processos de aprendizagem e desenvolvimento. Essa abordagem tenta identificar as características do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social e a progressão normal do crescimento físico. Além disso, reconhece que ocorrem outras aprendizagens decorrentes da prática das habilidades motoras, no entanto dá ênfase a aprendizagem do movimento.

Nessa abordagem a ginástica “é citada nas últimas séries do ensino fundamental, e também no médio e superior” (LARA. et al, 2007, p. 158).

A abordagem Construtivista tem o mérito de considerar o conhecimento cultural que o aluno previamente já possui, utilizando jogos e brincadeiras, com a intenção como afirma Azevedo (2000, p. 3)

Construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, respeitando o universo cultural do aluno, explorando as diversas possibilidades educativas de atividades lúdicas espontâneas, propondo tarefas cada vez mais complexas e desafiadoras com vistas à construção do conhecimento (AZEVEDO, 2000, p. 3).

Dessa forma, o jogo é considerado o principal conteúdo, porque, enquanto joga ou brinca, a criança aprende em um ambiente lúdico e prazeroso (DARIDO, 2011).

A Abordagem Crítico-superadora, embasa-se no discurso da justiça social no contexto da sua prática, buscando levantar questões de poder, interesse e fazendo uma leitura dos dados da realidade à luz da crítica social dos conteúdos da cultura corporal, sendo eles o jogo, o esporte, a capoeira, a dança e a ginástica, esta última apresentando conforme Lara et. al (2007, p.159)

Uma sistematização do campo de conhecimento para a escola a partir de ciclos de escolarização, envolvendo formas de saltar, equilibrar, balançar e girar; formas técnicas das ginásticas sistematizadas; conhecimento técnico/artístico das ginásticas institucionalizadas e da ginástica em geral, entre outras (LARA et. Al, 2007, p.159).

Com isso, busca entender com profundidade o ensinar, que não significa apenas transferir ou repetir conhecimentos, mas criar as possibilidades de sua produção crítica, sobre a assimilação destes conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico (AZEVEDO, 2000).

A Abordagem Crítico-emancipatória está centrada no ensino dos esportes, buscando uma ampla reflexão sobre a possibilidade de ensinar pela sua transformação didático-pedagógica e de tornar o ensino escolar em uma educação de crianças e jovens para a competência crítica e emancipada (AZEVEDO, 2000). Assim, a tarefa da Educação crítica é promover condições para que as estruturas autoritárias dos processos institucionalizados da sociedade sejam suspensas e o ensino encaminhado para uma emancipação, possibilitado pelo uso da linguagem, que tem papel importante no agir comunicativo (DARIDO, 2011). A ginástica nesta abordagem aparece na importância de trabalhar elementos característicos, como formas de andar, saltar e correr (LARA, et al, 2007).

A abordagem de Saúde Renovada tem por objetivo relacionar aptidão física à saúde, por meio da prática sistemática de exercícios físicos. Suas finalidades são semelhantes ao modelo biológico higienista, mas o caráter renovado aparece por conta de alguns aspectos mais recentes desta proposição, como o princípio da não exclusão (DARIDO, 2011).

Na concepção metodológica de Aulas Abertas, o professor deixa de ter papel central

nas aulas de educação física e esta passa a ser fundamentada na vida de movimento das crianças, na história de vida e na construção da biografia esportiva dos estudantes, na concepção de esporte e movimento que a sociedade vem construindo ao longo da história e na realidade das aulas de Educação Física Escolar. Nesta abordagem é considerada a possibilidade de ação mútua de professor e aluno no planejamento, objetivos, conteúdos e formas de transmissão e comunicação no ensino, assim ele pode desenvolver sua criatividade, comunicação e cooperação (Azevedo, 2000). Neste método a ginástica é vista como um importante conhecimento da educação física escolar, trazendo exemplos de como tratá-la na escola (LARA et al, 2007).

A Abordagem Educação Física Plural, considera todo gesto sendo uma técnica corporal, que foi construído culturalmente e definido pelas características de determinado grupo social (AZEVEDO, 2000), nesse contexto o trabalho com a “ginástica não deve ser direcionado para os padrões rígidos dos movimentos técnicos dessa manifestação” (LARA, et al, 2007, p.159).

No ano de 1997, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), um documento que orienta a Instituição escolar, informando uma base dos principais conteúdos que devem ser trabalhados, a fim de dar subsídios aos educadores, para que suas práticas pedagógicas sejam da melhor qualidade.

Esses planos curriculares, não podem ser prescritivos a ponto de recomendar detalhes de conteúdos e de procedimentos pedagógicos. É necessário que contenha elementos suficientes para permitir ao professor organizar seus planos de curso e de aula. Ainda desta vez, cada professor, o único que conhece os detalhes do cotidiano de suas aulas, precisa de certo grau de flexibilidade para definir os elementos mais específicos de seu plano (FREIRE, 1999).

Dentro deste documento, a partir de alguns critérios foram organizados os blocos de conteúdos a serem abordados nas aulas de Educação Física Escolar, divididos de acordo com o PCN (1997, p. 35) em Esportes, Jogos, Lutas e Ginásticas, Atividades rítmicas e expressivas e Conhecimentos sobre o corpo. De acordo com os PCN's (1997, p.37),

As ginásticas são técnicas de trabalho corporal que, de modo geral, assumem um caráter individualizado com finalidades diversas. Por exemplo, pode ser feita como preparação para outras modalidades, como relaxamento, para manutenção ou recuperação da saúde ou ainda de forma recreativa, competitiva e de convívio social. Envolvem ou não a utilização de materiais e aparelhos, podendo ocorrer em espaços fechados, ao ar livre e na água (PCN's, 1997, p.37).

Com o surgimento dessas abordagens a Educação Física, teoricamente, passa a ser planejada para apresentar não só meros movimentos repetidos e muitas vezes monótonos, mas também para apontar os valores sociais e destacar a cultura, a afetividade e as emoções dos alunos, tratando os conteúdos nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais ao realizarem a prática (DARIDO, 2012).

A dimensão conceitual está pautada em conhecer as transformações que a sociedade passou em relação aos hábitos de vida e relacioná-las com as necessidades atuais de atividade física, conhecer as mudanças pelas quais passaram os esportes e também conhecer os modos corretos da execução de vários exercícios e práticas corporais cotidianas. Já a dimensão procedimental busca vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira, vivenciar diferentes ritmos e movimentos relacionados às danças e vivenciar situações de brincadeiras e jogos. Por fim, a dimensão atitudinal procura valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto, respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não violência, predispor a participar de atividades em grupos, cooperando e interagindo, reconhecer e valorizar atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião e outras (DARIDO, 2012).

Especificamente na ginástica, a dimensão conceitual se baseia na parte mais teórica, com a origem, história, a evolução, os conceitos e contextos, fazendo com que os alunos consigam relacionar os conhecimentos da ginástica com outras práticas da cultura corporal. Na dimensão procedimental, é trabalhada a parte mais prática, do movimento em si, como forma de vivenciar alguns elementos e aprender a executar os movimentos da ginástica, do mais simples ao complexo, criação de materiais e pesquisas sobre o tema. Por último, temos a dimensão atitudinal que busca desenvolver atitudes, valores e normas diante essa manifestação cultural e também respeitando as diferenças e limites dos outros (DARIDO, 2011).

É necessário que cada criança tenha a liberdade de inventar movimentos de acordo com seus conhecimentos anteriores e também o professor deve oferecer às crianças diferentes níveis de complexidade, em que a criança menos habilidosa na execução dos movimentos gímnicos, ou com menos experiências anteriores sobre esse tema, possa se sentir capaz de executá-los. Mas, que também a criança mais habilidosa sinta-se desafiada a tentar algo com um nível de complexidade maior (SCHIAVON, 2003).

À vista disso, a ginástica é considerada um desses conteúdos a ser praticados na E.F.E., conforme expõe Soares et al (1992, p.54)

A presença da ginástica no programa se faz legítima na medida em que permite ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais. No sentido da compreensão das relações sociais, a ginástica promove a prática das ações em grupo onde, nas exercitações como "balançar juntos" ou "saltar com os companheiros", concretiza-se a "coeducação", entendida como forma particular de elaborar/praticar formas de ação comuns para os dois sexos, criando um espaço aberto à colaboração entre eles para a crítica ao "sexismo" socialmente imposto (SOARES et al, 1992, p.54).

Voltando o olhar para as ginásticas de séries específicas, nos PCN's do terceiro (6° e 7° anos) e quarto (8° e 9° anos) ciclos do Ensino Fundamental são apresentados alguns conceitos e procedimentos propostos a serem desenvolvidos especificamente nas aulas de ginástica como a compreensão dos aspectos históricos sociais, a aquisição e aperfeiçoamento de habilidades específicas, compreensão das diferentes técnicas ginásticas relacionadas com diferentes contextos histórico-culturais e com seus objetivos específicos e por fim a compreensão e vivência dos aspectos de quantidade e qualidade relacionados aos movimentos ginásticos (PCN, 1998). Além disso, o documento especifica os conteúdos a serem aplicados nas aulas de ginástica nas escolas, conforme PCN (1998, p.97)

-Aspectos histórico-sociais das ginásticas: compreensão e vivência das diferentes formas de ginásticas relacionadas aos contextos histórico-sociais (modismos e valores estéticos, ginásticas com diferentes origens culturais. Por exemplo: aeróbica, chinesa, ioga).

- Construção do gesto na ginástica: vivência de situações em que se faça necessário perceber, relacionar e desenvolver as capacidades físicas e habilidades motoras presentes na ginástica esportiva e acrobática (estrelas, rodantes, mortais etc.); compreensão e vivência das situações em que estejam presentes os aspectos relacionados à repetição e à qualidade do movimento na aprendizagem do gesto ginástico, tanto no que se refere às acrobacias como à criação de sequências de exercício com e sem material (espaldar, barra fixa, corda, exercícios em duplas, trios etc.) (PCN, 1998, p.97).

Em Fortaleza, existe um documento intitulado Expectativas de Aprendizagem do Ensino Fundamental II, que prevê de forma mais específica os conteúdos a serem trabalhados do 6° ao 9° ano, sendo possível identificar que a ginástica é pouco abordada em relação a outros conteúdos da cultura corporal, assim divididos: 6° ano: Manifestações corporais: o corpo gímico; 7° ano: Ginástica Rítmica Desportiva (GRD): Histórico, aparelhos utilizados, provas individuais e em grupo e movimentos básicos da GRD; 9° ano: Ginástica Artística: Histórico, aparelhos utilizados, provas individuais e em grupo e movimentos básicos da Ginástica Artística (FORTALEZA, 2015).

Além do Ensino Fundamental, para o Ensino Médio também existe um documento chamado Coleção Escola Aprendiz, com as matrizes curriculares de diversas

disciplinas, para serem ministradas nas escolas estaduais do Ceará. Dentro da disciplina de Educação Física em todos os bimestres de todas as séries a ginástica aparece em um tópico juntamente com os conteúdos jogos, danças, lutas, esportes e vivências corporais diversificadas tendo que contemplar o histórico, tipos, regras básicas, fundamentos, tática e influência da mídia (CEARÁ, 2009).

Sendo assim, as várias manifestações da cultura corporal, como a ginástica, se destacam como de suma importância para ampliar o repertório motor e as vivências das crianças, não se limitando apenas aos esportes e ao tecnicismo antes praticado.

5 A REALIDADE ATUAL DA GINÁSTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Os esportes, as ginásticas, as danças, lutas e jogos fazem parte da cultura corporal de movimento, contudo, apesar de termos vastos conteúdos para se trabalhar nas aulas de Educação Física, esse pensamento se restringe na maioria das vezes apenas ao esporte, deixando de lado outras vivências que podem ser importantes para a formação dos discentes (OLIVEIRA, 2012).

Marcassa (2004), afirma que a ginástica, é um importante conteúdo da Educação Física Escolar e componente expressivo da cultura corporal, isto se justifica porque é uma das atividades mais diversificadas, com visível proliferação de modalidades, visões e métodos de ensino, variadas inserções, origens, finalidades e possibilidades de acesso e experimentação. Desta maneira, a ginástica, como foi vista nos documentos e estudos, apresenta-se com certa relevância nos currículos escolares.

Segundo Soares et al (1992, p.53)

No currículo escolar tradicional brasileiro, são encontradas manifestações da ginástica de várias linhas europeias, nas quais se incluem formas básicas do atletismo (caminhar, correr, saltar e arremessar), e formas básicas da ginástica (pular, empurrar, levantar, carregar, esticar). Incluem, também, exercícios em aparelhos (balançar na barra fixa, equilibrar na trave olímpica), exercícios com aparelhos manuais (salto com aros, cordas) e formas de luta (SOARES et al, 1992, p.53).

Em contraposição a isso, no cotidiano das aulas de Educação Física Escolar, esta prática não vem acontecendo na perspectiva em que se espera, diferente de algumas décadas atrás que era considerada conteúdo único das aulas. Assim, é dado maior privilégio aos esportes deixando de lado outras modalidades da cultura corporal.

Como é constatado atualmente segundo Almeida et. Al (2012, p. 111) que

a Ginástica na formação e na escola ainda não supera as bases explicativas dos métodos positivistas, com sérias limitações explicativas acerca das problemáticas na área da saúde/aptidão física, limitando-se ao treino corporal. Tais fatos demonstram os limites para compreendê-la dentro da complexidade social e histórica com que este conhecimento foi se desenvolvendo pela humanidade, a partir de necessidades vitais, sendo criado e recriado em diferentes gerações e contextos, agregando conhecimentos de outras áreas e, por conseguinte, apontando os limites explicativos até então hegemônicos (ALMEIDA et. al, 2012, p. 111).

Se a ginástica é tão importante no contexto escolar porque ela não é praticada? Uma hipótese pode estar vinculada a tradição histórica de orientação militarista, não sendo

concebível admitir que uma atividade como essa pudesse retornar à escola (AYOUB 1998). Mas não é apenas essa a dificuldade a ser superada, como veremos a seguir.

Outro pressuposto tem relação à difusão da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica Desportiva no Brasil, a partir dos anos 70 e 80, levando uma ideia de que essas atividades são extremamente difíceis, tendo como possibilidade apenas a ginástica esportivizada ou competitiva (AYOUB, 1998).

Mais um motivo que envolve a escassez da ginástica nas aulas de Educação Física é a falta de conhecimento do professor. Por não serem tão comuns quanto outras modalidades, as atividades gímnicas, em geral, não foram praticadas pelos professores em suas trajetórias acadêmicas, fazendo com que eles tenham que se dedicar mais para buscarem atualizações, e esta pouca vivência com este conteúdo diminui os conhecimentos sobre as contribuições da aprendizagem deste tema para seus alunos (AYOUB, 1998). No entanto, mesmo com este assunto presente nos currículos dos cursos de graduação, parece não haver uma transferência do que foi aprendido para a sua efetivação na escola (NISTA-PICCOLO, 1988), e um possível fator que contribui para esta situação é a formação muitas vezes equivocada dos graduandos, devido à visão tecnicista de seus docentes (SCHIAVON, 2003). A vista disso Schiavon; Nista-Piccolo (2007, p.132) afirmam que,

O desconhecimento sobre como aplicar a Ginástica, por parte dos professores, é a principal razão apresentada, mostrando que esses profissionais têm dificuldades em visualizar essa modalidade esportiva além da sua perspectiva competitiva. Isto é, eles não sabem quais são as contribuições da aprendizagem dessa modalidade para o desenvolvimento motor de seus alunos (NISTA-PICCOLO, 2007, p.132).

Por conta deste déficit de conhecimentos gímnicos é difícil para alguns professores criar instrumentos de ação pedagógica, ou seja, elaborar meios facilitadores da aprendizagem de determinados elementos. E ainda, apresentam dificuldade na organização das aulas de ginástica, quebrando paradigmas em relação aos métodos tradicionais de treinamento esportivo. (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007).

Outro fator é a falta de materiais para a prática e a má estrutura do espaço que pode ser um empecilho, o que torna o cotidiano do profissional mais trabalhoso. No entanto, quando se possui o material, é preciso carregá-lo, montar e desmontar, o que também gera mais trabalho para os profissionais, diferente de apenas carregar bolas. Quando acrescentamos desenvolvimento de aulas com métodos diferenciados e adequados à formação da criança, tudo fica ainda mais difícil.

Mas, essa dificuldade pode ser diminuída, como quando o professor tem o

conhecimento e domínio do conteúdo a ser ensinado e de como deve ensinar, podendo criar ideias, em relação às adaptações de materiais, tornando uma em uma prática possível, inclusive criando alternativas de materiais. Por outro lado, em muitas instituições a verba destinada à compra de materiais de Educação Física é oferecida aos professores dessa área e os mesmos definem quais materiais devem ser comprados, porém, pela falta de conhecimento do profissional da área em relação a essas modalidades os materiais acabam faltando (SCHIAVON, 2003; SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007).

Outra razão encontrada no estudo de Schiavon (2003) é o medo de machucar as crianças por não saber como fazer a segurança dos exercícios, e também por terem dificuldades em visualizar as possibilidades de aplicação da ginástica no contexto escolar.

Apesar de tudo isso, muitas vezes, sua prática pode ser disfarçada, não trabalhando com um tema/assunto relevante a ser ensinado como conteúdo estruturante da ginástica, mas aparecendo por meio de um conjunto de exercícios para o aquecimento pré-desportivo ou de qualquer atividade motora, sendo uma atividade acessória, podendo estar presente em quase todas as aulas, os quais são realizados de forma simplista, repetitiva e acrítica. Esses aquecimentos geralmente são constituídos por trotes e alongamentos (PEREIRA, 2006; PEREIRA, 2011). Jocimar Daolio, citado por LARA, et al.(2007, p.166) também

Observa que atividades gímnicas como alongamento, corrida e outras são trabalhadas em alguns momentos da aula de educação física. Todavia, não há um trato nos aspectos históricos e socioculturais, o que o leva a verificar que esse campo do conhecimento não se consolida no âmbito escolar (LARA, et al. 2007, p.166).

Além desses fatores, pode-se atribuir a carência da ginástica no cotidiano escolar, devido ao seu caráter “não lúdico”, aos graus de esforços físicos necessários para a realização dos exercícios, com movimentos bem mais complexos, repetitivos e em escala ascendente de estimulação psicomotora e também a necessidade pedagógica de uma participação efetiva docente durante os processos de ensino-aprendizagem, diferente de ações como supervisão e arbitragem em práticas esportivas e recreativas. Acredita-se ainda, que os problemas da ginástica também estão associados à redução do número de aulas regulares de EFE. Que nos anos setenta e oitenta do século XX eram comuns três encontros semanais, atualmente, diminuiram para apenas um, com aulas duplas ou dois individuais (PEREIRA, 2006).

A próxima questão que gera desinteresse do professor pela Ginástica é a falta de apoio da direção da escola. Na pesquisa de Schiavon (2003), foi possível notar que as escolas que tinham a direção cumprindo o seu papel de apoiar diferentes propostas educativas, tinham

mais material e principalmente professores mais motivados para adaptar os materiais, fazendo todo o possível para não deixar de oferecer essas modalidades. Já nas escolas em que os professores falavam da falta de apoio e estrutura da direção, da desvalorização do profissional, após muitas dificuldades e sem respaldo algum da direção da escola, acabam desistindo, perpetuando o cômodo “trabalho” de apenas “dar a bola” aos seus “alunos”.

A visão sexista também influencia nesse limitado trabalho com a ginástica como aponta Ayoub (1998, p. 150)

Quando os professores disseram que haveria aula de ginástica, os alunos reclamaram, especialmente os meninos, alegando que “ginástica é coisa de menina” e que queriam “jogar bola”. As meninas, em geral, mostraram-se prontamente interessadas (AYOUB, 1998, p. 150).

Em resumo, estudos de Prado (2009), Castro (2013), Pereira (2006), Schiavon; Nista-Piccolo (2007), Rinaldi (2005), Oliveira (2012), apontam como motivos principais para a não vivência da ginástica no espaço escolar: a falta de conhecimento suficiente, por parte dos professores, para implantação das atividades ginásticas, a rejeição do aluno por não ter o hábito de praticar atividade que não esteja relacionada com o jogo, a falta de objetivo nas aulas práticas, a falta de materiais e a exacerbação da ginástica técnica e competitiva. Dessa forma, torna-se necessário o apoio da escola para uma atualização do educador físico e assim buscar alternativas que ofereçam aos alunos oportunidades de uma escolha consciente sobre a modalidade, é importante também a aquisição de aparelhos e espaços físicos adequados. Apesar das dificuldades, grande parte dos professores se mostram interessados em conhecer mais sobre a ginástica e a melhor forma de aplicá-la nas aulas.

Por isso, a aplicação das formas ginásticas na escola reforça o seu caráter educacional, diferenciando-se de outras práticas ginásticas, pois é necessário para que a sua essencialidade “escolar” oriente o seu desenvolvimento cotidiano (PEREIRA, 2006). Neste sentido Pereira (2006, p.51) aponta que

Para que a GE seja, significativamente, mais do que “aquecimento” e “alongamentos” ela necessita objetivar a real educação humana. Para isso requer a intervenção de profissional com formação de nível superior. No desenvolvimento de aulas associando didaticamente significativas práticas ginásticas com conteúdos cognitivos específicos: históricos, sociológicos, fisiológicos, anatômicos, biomecânicas e técnico-gestuais e necessário um professor de EF polifilético, o qual disponha de habilidades e conhecimentos (PEREIRA, 2006, p.51).

Assim, pensamos a ginástica como um tema que deve ser tratado, experimentado, problematizado, conhecido e transformado na escola. Apresentando-se hoje como um campo

vasto, rico em conteúdos, variado em formações plásticas, quase inesgotável em possibilidades de expressão, criação e transformação, pois é composto por um denso registro de saberes que permitem ampliar, interagir e mesclar a ginástica a outras expressões, tendências e sistematizações, e também identificá-la e caracterizá-la como uma prática específica e singular, compreendendo que devemos considerar seus movimentos gímnicos, também chamados de fundamentos básicos da ginástica, que são um rol de ações, posturas, movimentos e gestos que historicamente foram associados, combinados e sistematizados (MARCASSA, 2004).

Desta maneira, é possível perceber que apesar de existir todo um embasamento teórico que tenta sistematizar, ainda que minimamente, a ginástica no ambiente escolar, esta não é tratada como um conteúdo da mesma importância que outros temas, mas apenas como complementação e auxílio nas aulas.

6 METODOLOGIA

O objetivo deste estudo busca saber quais os conhecimentos dos alunos de escolas públicas sobre as ginásticas. Dessa forma a pesquisa tem caráter descritivo baseado em abordagens metodológicas quantitativa e qualitativa. Segundo Fonseca (2002, p.20) “a utilização conjunta da pesquisa quantitativa e qualitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”.

A pesquisa quantitativa é aquela influenciada pelo Positivismo, considerando que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. Em resumo centrada na objetividade e com a quantificação dos resultados (FONSECA, 2002).

Já a pesquisa qualitativa tem a preocupação voltada nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Baseada na Sociologia Compreensiva propõe a subjetividade como o fundamento do sentido da vida social e defende-a como constitutiva do social e inerente à construção da objetividade nas ciências sociais. Sendo assim, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

O levantamento de dados ocorreu de duas maneiras, por meio de revisão bibliográfica apresentada no referencial teórico, em que se procuram os conhecimentos prévios acerca do assunto, embasando o desenvolvimento da pesquisa. E também por meio de pesquisa de campo, que segundo Lakatos; Marconi (2003, p.186)

É aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.186).

Para o presente trabalho foram selecionados os alunos do 3º ano de sete Escolas Estaduais, Regional III, de Fortaleza, dentre 27 escolas dessa regional. Chegamos a esse número, calculando uma amostra representativa com margem de erro de 4%. Elegemos esse público por compreendermos que os mesmos já passaram por todas as séries da educação básica e, dessa forma já podem ter vivenciado o conteúdo de ginástica na Educação Física e pela facilidade da localização. Assim, chegamos ao número de 291 questionários respondidos

dessas escolas selecionadas.

Em seguida aplicamos um questionário, formulado pela pesquisadora (anexo 1), com perguntas subjetivas e objetivas a respeito do assunto.

A coleta de dados aconteceu nas escolas que autorizaram a realização da pesquisa mediante termo de autorização (anexo 2) assinado pela direção da instituição, durante as aulas de Educação Física ou outro espaço/momento cedido pela escola.

Os dados foram analisados de acordo com estatística descritiva para questões fechadas e a questão aberta foi analisada por meio da análise de conteúdo, na qual as respostas são divididas em unidades de registro que de acordo com Bardin (2011).

É a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. [...] Efetivamente, executam-se certos recortes a nível semântico, por exemplo, o “tema”, enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a “palavra” ou a “frase” (BARDIN, 2011, p. 37).

Portanto, nos itens em que os alunos poderiam escrever com suas próprias palavras, quando sua resposta podia ser dividida em mais de uma, assim o fazemos, e depois agrupamos cada resposta em categorias específicas.

7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar os conhecimentos dos alunos acerca dos conteúdos da ginástica. Para isso foram analisados os 291 questionários dos estudantes de 3º ano do Ensino Médio de sete diferentes escolas Estaduais da Regional III de Fortaleza. Com este material foi possível percebermos qual o conhecimento dos alunos em relação à ginástica dentro e fora do cenário escolar.

A primeira questão tinha a intenção de obter a resposta sobre se os alunos já participaram ou participam das aulas de Educação Física. Os resultados estão expostos na tabela a seguir:

Tabela 1 - Você participa/ já participou das aulas de Educação Física?

Participação nas aulas de Educação Física	Valores	Porcentagem
Não	3	1%
Sim	288	99%
Total	291	100%

Fonte – Elaborada pela autora.

Os que não participaram alegaram problemas de saúde ou não ter tempo, porque muitas dessas aulas acontecem no contra turno. Apesar de um número pequeno afirmar não ter participado das aulas, muitos alunos ao decorrer dos anos escolares e principalmente no ensino médio (especificamente no 3º ano, por conta dos vestibulares) deixam de participar das aulas por diferentes motivos.

Tanto Júnior (2009), como Santos (2013) e Bartholo (2011) destacam como um dos motivos para a evasão das aulas de educação física o fato delas serem ministradas no contra turno das demais disciplinas, o que dificulta o acesso dos alunos que precisam retornar à escola no período contrário, sendo assim desvalorizada por eles e acabam atribuindo a E.F. um status inferior às demais que necessitam de maior tempo. Outros motivos ainda são citados como a utilização do esporte como conteúdo único, com aulas pouco atraentes e repetitivas, falta de espaço e materiais adequados para as aulas práticas e a dispensa de estudantes com a simples apresentação dos atestados médicos ou de trabalho, sem uma triagem mais criteriosa por parte dos professores ou da equipe pedagógica do colégio.

Com isso, na tabela seguinte procuramos identificar por meio da segunda questão de que forma acontecia essa aula, quando ela estava presente:

Tabela 2 - Qual a forma da aula?

Formato de aula	Valores	Porcentagem
Não respondeu	1	0,3%
Não tem	2	0,7%
Teórica	18	6,2%
Prática	24	8,3%
Prática e teórica	246	84,5%
Total	291	100%

Fonte – Elaborada pela autora.

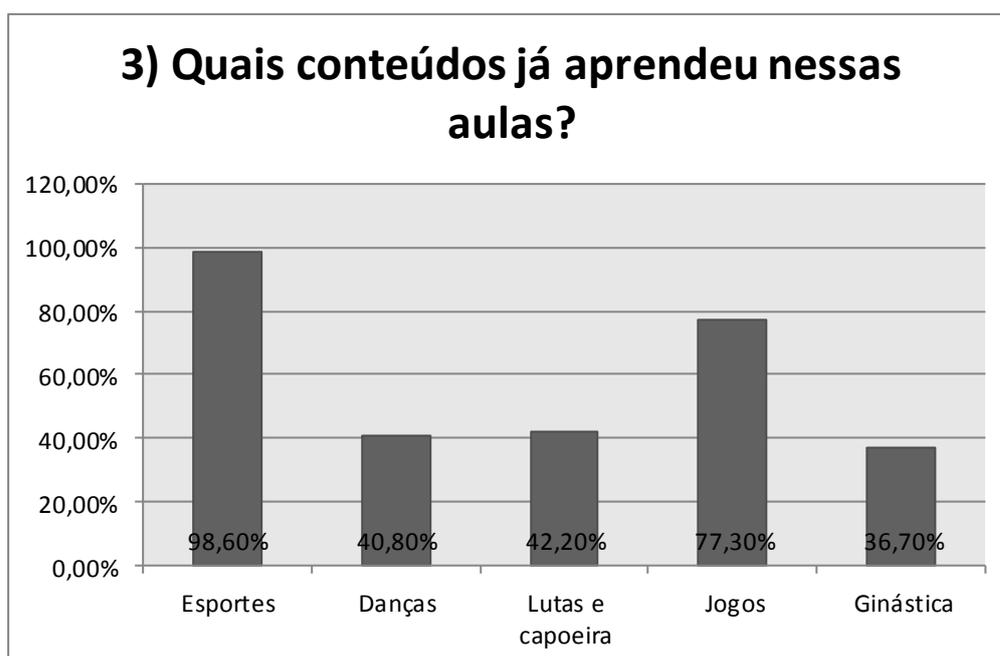
Como observamos na tabela 2, 84,5% das aulas acontecem de forma prática e teórica, pois assim é previsto na Lei de Diretrizes e Bases (1996, art. 35), que no inciso IV delega que uma das finalidades do ensino médio é compreender “os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina”. No entanto ressaltamos a necessidade dessa teoria ter compatibilidade com a prática, não sendo ministrados conteúdos aleatórios e sem relação.

A Educação Física possui diversos conteúdos formados pelas diferentes manifestações corporais ou saberes culturais, que englobam conceitos, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes e interesses sendo considerado um conjunto de conhecimento riquíssimo a ser trabalhado nas aulas e tendo que fazer sentido aos alunos (DARIDO, 2001; ROSÁRIO; DARIDO, 2005).

Na disciplina em questão normalmente as suas temáticas estruturantes são divididas em esportes, jogos e brincadeiras, ginástica, lutas e danças, conhecidas como cultura corporal de movimento, ainda podendo ser organizadas segundo os PCN’S (1997) em blocos de Esportes, Jogos, Lutas e Ginástica; Atividades Rítmicas e Expressivas e Conhecimentos sobre o Corpo. A partir desses conteúdos, organizam-se os assuntos básicos a serem trabalhados por séries e bimestres. Além disso, é importante ressaltar que nem todos os saberes e formas culturais estão presentes como conteúdos curriculares, segundo o PCN (1997) a seleção desses conteúdos deve ocorrer de acordo com a relevância social, as características dos alunos e as características da própria área (ROSÁRIO; DARIDO, 2005; PEREIRA; CESÁRIO, 2011).

Sabendo dessa pluralidade de temáticas a serem trabalhadas na Educação Física escolar, na terceira questão nos indagamos com quais os conteúdos que esses alunos tiveram e tem contato nas aulas de Educação Física, as opções foram baseadas nos blocos de conteúdos previstos no PCN. Eles podiam marcar mais de uma opção.

Gráfico 1 – Conteúdos segundo os PCN'S aprendidos nas aulas de Educação Física



Fonte – Elaborada pela autora.

Apesar de existirem muitas possibilidades o enfoque maior é dado aos esportes e aos jogos, podendo ser encontrados em outras pesquisas que revelam alguns números, como em PEREIRA (2006) que a partir de outros trabalhos observou que cerca de 70% dos conteúdos trabalhados em aulas, eram os esportes, seja na sua composição original ou adaptada em forma de jogos. Rosário; Darido (2005), em sua pesquisa sobre sistematização de conteúdos notou que todos os professores mesmo procurando diversificar seus conteúdos sempre se voltavam aos esportes e quando não se tratava deles propriamente ditos utilizavam os jogos no contexto esportivo. Ainda sobre esse assunto MATOS et. (2013) analisou os conteúdos abordados pelas produções acadêmicas concluindo que dos trabalhos analisados, 29% tratam sobre Esportes, 22% sobre Jogos e Brincadeiras, 17% Dança, 11% Ginástica, 3% Capoeira, 2% Lutas e 16% abordam Vários Conteúdos.

Esses resultados aparecem por diferentes motivos, um deles sendo o fator de que historicamente os esportes dominaram o cenário escolar e culturalmente o futsal, o basquete, o handebol e o vôlei vem tomando a frente das práticas escolares. Percebemos então que a escola assumiu o ensino do esporte, praticamente como única estratégia, e muitas vezes esses temas são repetidos durante todos os bimestres e pior ainda, durante todas as séries da vida escolar, enquanto isso conteúdos diferentes como as ginásticas ou as lutas ficam excluídos por parecerem mais difíceis de ser trabalhados, pois os professores alegam o desconhecimento sobre como aplicar atividades, a falta de materiais específicos e a falta de conhecimento sobre

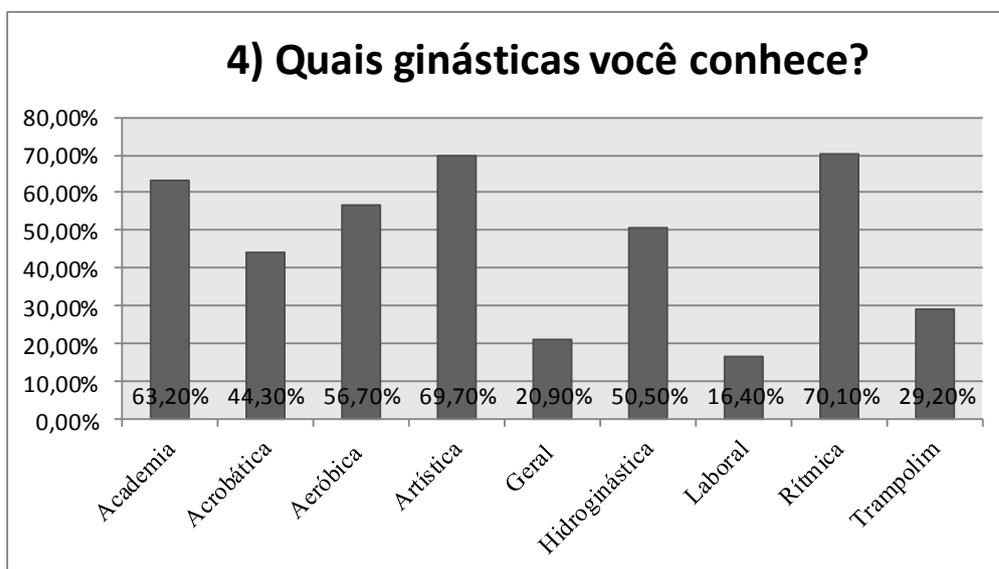
o conteúdo de cada modalidade (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007); (BETTI, 1999).

Observando ainda esse gráfico notamos que a ginástica (36,7%), as danças (40,8%) e as lutas e a capoeira (42,2%) são contempladas em menos da metade dos currículos escolares, possivelmente por serem conteúdos mais específicos e distantes da realidade de professores e alunos. Normalmente esses temas são trabalhados quando algum professor já atua em uma área específica, dando sua devida importância no ambiente escolar.

Conhecendo um pouco dos conteúdos gerais daremos ênfase a ginástica, na quarta e quinta questões, nas quais buscamos saber os conhecimentos dos alunos sobre a ginástica não só no contexto escolar, mas também nos espaços informais e a vivência cotidiana. Eles puderam assinalar mais de uma opção e também poderiam informar outras que conheciam.

A quarta questão em específico pretendeu contabilizar quais os tipos de ginásticas eles conhecem e, para isso, elencamos como alternativas as ginásticas oficiais da FIG e outras mais populares, resultando no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Ginásticas conhecidas pelos alunos em ambiente formal e informal.



Fonte – Elaborada pela autora.

As ginásticas rítmica e artística aparecem respectivamente com 70,10% e 69,70%, valores que acreditamos estar vinculados ao fato de que essas são as modalidades mais transmitidas pela mídia e acabam sendo mais conhecidas. Estudos apontam que quando trabalhada a ginástica na escola essas modalidades são as mais procuradas, justamente porque já há uma identificação por algo que já conhece (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007;

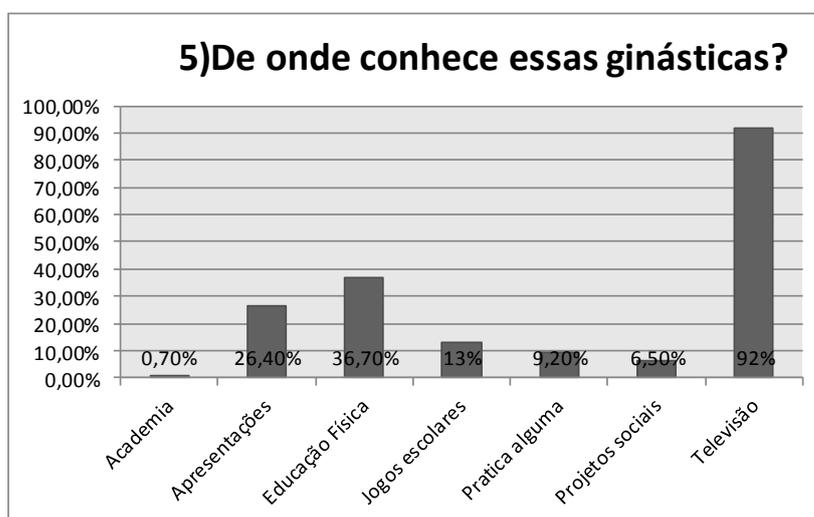
OLIVEIRA ; MORTOLA, 2012; WIELEWSKI; MATA,2007).

A terceira ginástica mais citada foi a Ginástica de Academia, com 63,20%, seguida da Aeróbica com 56,70%, o que indica que além do contato, mesmo que por meio da mídia com as ginásticas competitivas, outro padrão se confirma nos resultados. A aeróbica acaba sendo considerada por eles uma ginástica de academia, com exercícios aeróbicos e não uma modalidade esportiva. Essas duas ginásticas se tornam mais acessíveis a eles por serem encontradas facilmente no cotidiano e como afirma Russo (2005) atualmente os jovens têm uma preocupação muito grande com a forma física, buscando um corpo escultural considerado correto e aceitável para a sociedade.

Além disso, Russo (2005) e Bento; Junior (2006) apontam que a mídia tem uma grande parcela de responsabilidade nessa distorção dos conceitos de corpo belo, por uma busca constante por músculos perfeitos, neste sentido, homens e mulheres também vão incorporando um dado modelo de corpo idealizado e padronizado. Isso faz com que aumente a procura de academias e atividades físicas para alcançar esse ideal.

O valor que aparece na ginástica laboral (16,4%) se deu principalmente entre os alunos de uma escola profissionalizante que tem essa ginástica como básica para o trabalho técnico. Dentre as outras ginásticas, Acrobática (44,3%), Geral (20,9%), Hidroginástica (50,5%) e Trampolim (29,2%), a Hidroginástica foi mais conhecida possivelmente por ser mais popular que as outras. Ainda com foco na ginástica, na quinta questão procuramos identificar por qual meio eles tomaram conhecimento sobre essas ginásticas e representamos as respostas no gráfico 3:

Gráfico 3 – Possibilidades de conhecer a ginástica.



Fonte – Elaborada pelo autor.

O resultado confirma o que demonstramos nas duas questões anteriores. O número expressivo (92% das respostas) indica que do conhecimento das ginásticas rítmica e artística citado nas questões anteriores parece ter sido influenciado pela mídia. Creditamos isso ao fato de a aplicação dos questionários ter sido feita no período das Olimpíadas e dessas modalidades serem as mais transmitidas pela televisão aberta.

Essa relação ginástica e mídia é discutida por WIELEWSKI; MATA (2007) que relatam que as atividades físicas esportivizadas e que buscam o corpo ideal, uma qualidade de vida ou status social são mais interessantes para ser consumidas, ou seja, geram mais lucros, assim as ginásticas competitivas e que priorizam o corpo e o bem estar serão apresentadas pela mídia. É notório que as ginásticas são pouco conhecidas no ambiente escolar (E.F.- 36,7% e Jogos escolares- 13%) o que já foi comprovado anteriormente. Poucos ainda são os alunos que praticam algum tipo de ginástica (9,2%) e que conhecem de outros ambientes (projetos sociais: 6,5%).

Apenas 0,7% dos entrevistados afirmam conhecer as ginásticas no ambiente de academia contrariando as repostas da questão anterior em que 63,2% declaram ter ciência de ginásticas de academia.

Por isso, na sexta questão nos voltamos para a área escolar e pretendíamos apurar se eles já tiveram os conteúdos da ginástica nas aulas de Educação Física e se sim quais foram.

Tabela 3 – Ocorrência da ginástica nas aulas de Educação Física

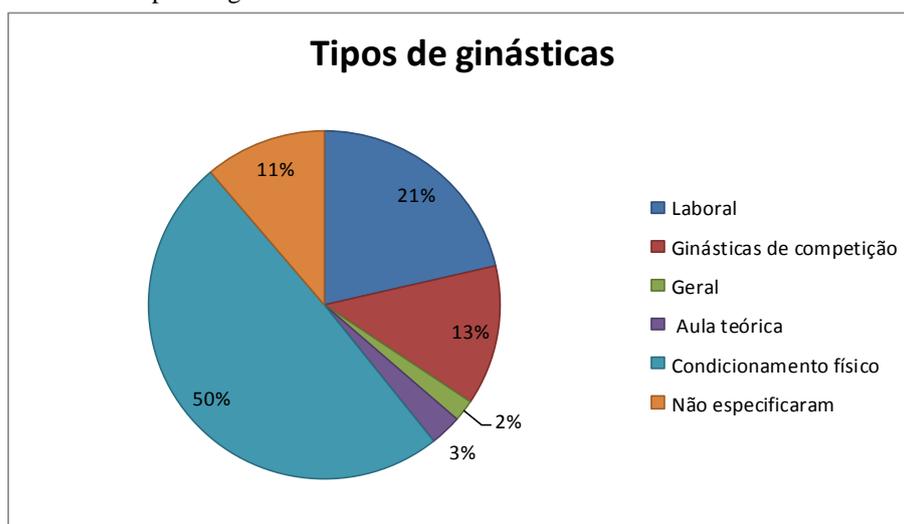
6-Já teve ginástica nas aulas?	Total	Porcentagem
Não	182	62,6%
Sim	107	36,7%
Não respondeu	2	0,7%
Total	291	100%

Fonte – Elaborada pela autora.

Podemos observar que mais da metade (62,6%) não tiveram ginástica na escola, e devemos isso a alguns motivos já discutidos anteriormente como por exemplo a falta de estrutura e materiais, interesse dos alunos, conhecimento dos professores e valorização exacerbada dos esportes e jogos; PEREIRA (2006) ainda acrescenta que talvez os motivos para não ocorrer essa prática sejam o caráter “não-lúdico”, os graus de esforço físico necessários para a realização dos exercícios, e a necessidade da presença efetiva de um

professor durante a aula, diferente do que acontece quando só supervisiona ou faz papel de árbitro em práticas esportivas e recreativas. Apenas 36,7% dos entrevistados afirmaram ter vivenciado a ginástica nas suas aulas de Educação Física e desse número grande parte considerou as ginásticas de condicionamento físico e preparatórias para outras atividades, que normalmente são os esportes, como veremos no próximo gráfico.

Gráfico 4 – Tipos de ginásticas conhecidas.



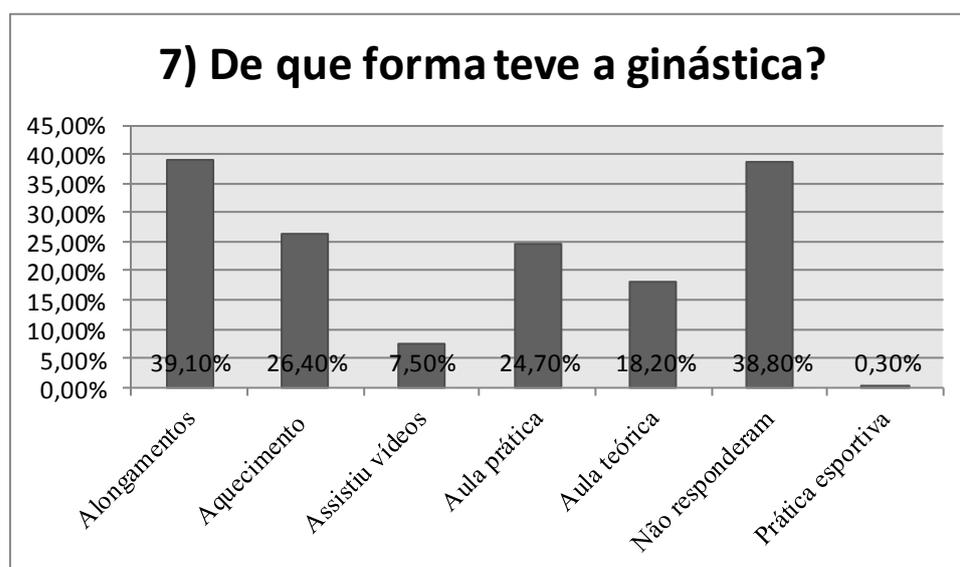
Fonte – Elaborada pela autora.

Dos que tiveram a presença da ginástica na escola 13% afirmaram ter tido aulas de Ginástica de competição, 2% Ginástica geral, 11% não especificaram e 3% só viram na aula teórica. Novamente dos que conheciam a laboral (21%), a maioria eram dos alunos da escola profissionalizante.

O que chama a atenção é que a metade (50%) afirmou ter realizado exercícios de aquecimento e alongamento, que para PAOLIELLO (2011), atividades que têm por objetivo a aquisição ou manutenção da condição física do indivíduo são classificadas em ginásticas de condicionamento físico. E esse número se confirma na próxima questão, representada no gráfico 5 a seguir.

Para os que tiveram essas ginásticas nas aulas procuramos na próxima pergunta identificar de que forma ela se deu. Nessa questão eles tinham as opções para escolher e a oportunidade de informar alguma a mais também.

Gráfico 5 – Formas da aula com ginástica.



Fonte – Elaborada pela autora.

Afirmando o resultado da questão anterior os alongamentos (39,1%) e aquecimentos (26,4%) aparecem em maior nível, mas esses tipos de exercícios de ginástica de condicionamento físico (65,5%) são encontrados nos currículos escolares brasileiros, o que vai ao encontro da afirmação de Soares et al (1992), quando afirma que se incluem o caminhar, correr, saltar, arremessar, pular, empurrar, levantar, carregar e esticar, com o objetivo de desenvolver de algumas capacidades como força, agilidade e destreza, tudo isso no conteúdo de ginástica.

24,7% tiveram a ginástica em suas aulas práticas e 7,5% assistiram a vídeos sobre este conteúdo, provavelmente nas aulas teóricas (18,2%). Apenas 0,3% disseram ter a ginástica como prática esportiva propriamente dita e 38,8% não responderam por não ter vivenciado essa modalidade.

Contudo, com isso, percebemos que a ginástica vem sendo trabalhada como uma atividade acessória e secundária, servindo apenas de preparação para os esportes, sendo realizada de forma simples e repetitiva, sem nenhum significado, sendo resumida a prática de exercícios, corridas, polichinelos e abdominais (PEREIRA, 2006).

As últimas questões perguntavam “sim” ou “não”, mas eram bastante subjetivas, em relação a algo não tão técnico, mas sim pessoal e de experiência de vida. Então, cada uma dessas respostas foi considerada como uma unidade de registro, das quais foram divididas em categorias, ou seja, uma resposta poderia dar origem a duas ou mais unidades e essas unidades poderiam estar classificadas em categorias diferentes, por essa razão o total das respostas

ultrapassa os 291 sujeitos.

Dessa forma, a questão 8 questionava: se você teve ginástica nas aulas de Educação Física, gostou da experiência com essa prática? Por quê?

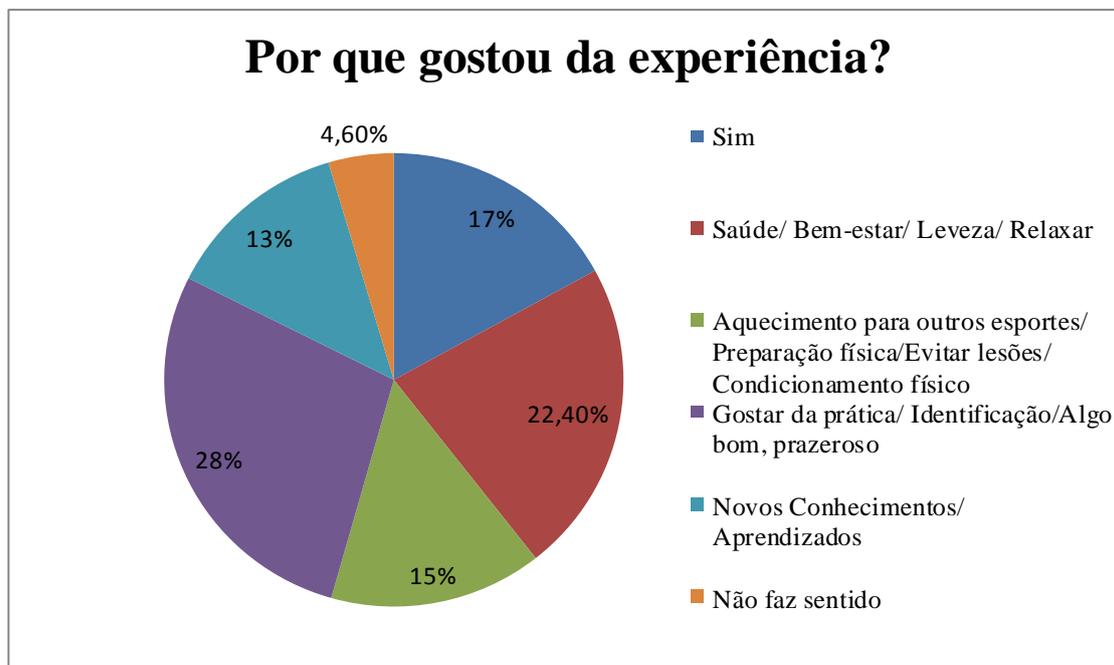
Tabela 4 - Se você teve ginástica nas aulas de Educação Física gostou da experiência com esta prática? Por quê?

Experiência com a ginástica	Total	Porcentagem
Não gostou	10	3,3%
Sim, gostou	107	35,4%
Não teve ginástica	184	61%
Não respondeu	1	0,3%
Total	302	100%

Fonte – Elaborada pela autora.

Conseguimos obter 302 unidades de registro, das quais 184 (61%) sujeitos não tiveram a experiência com a ginástica, 1 (0,3%) não respondeu. 10 (3,3%) alunos não gostaram por acharem chato ou por sentirem dores no outro dia e 107 (35,4%) gostaram da aula com ginástica. Diferentes foram os motivos, com trazemos no gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6 – Motivos de ter gostado da aula com ginástica.



Fonte – Elaborada pela autora.

Dos que tiveram a ginástica 35,4% gostaram por diferentes motivos, como informa o Sujeito 6 “Algo diferente, desopilar um pouco fora de sala”, o simples fato de ir para outro ambiente e fazer algo diferente já faz bem. Outros gostaram por fazer bem à saúde (4,6%), ser importante para a preparação de outros esportes evitando lesões e para o condicionamento físico (15%), ser bom por aprender algo novo e incomum (13%) ou simplesmente por gostar e ter prazer com a prática (28%).

No grupo intitulado “não faz sentido” estão as respostas que mesmo tendo respondido a pergunta não apresentou significado para responder a questão, não sendo possível categorizá-lo.

Contemplando agora os alunos que não tiveram aulas de ginástica a questão seguinte perguntava se você não teve essa experiência com aulas de ginástica, gostaria de ter? Eles afirmaram:

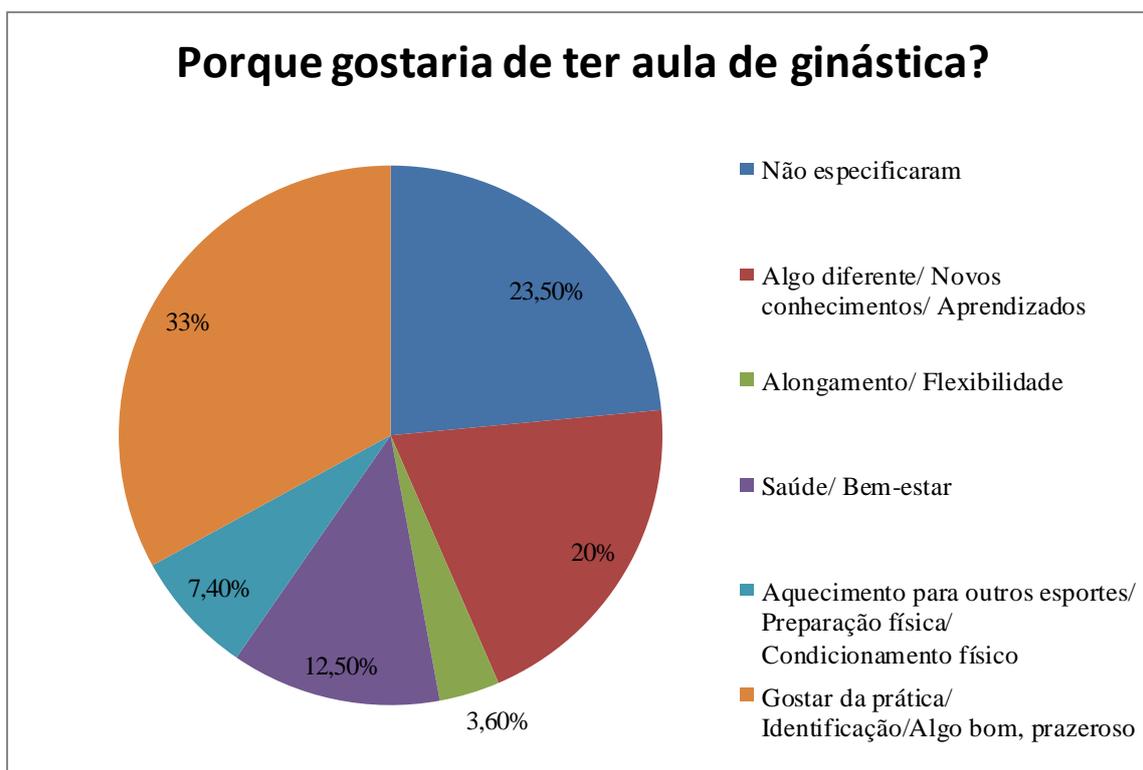
Tabela 5 – Se não teve gostaria de ter aulas de ginástica? Por quê?

Se não teve, gostaria de ter aulas de ginástica?	Total	Porcentagem
Não	55	18%
Sim	136	44,3%
Teve ginástica	103	33,5%
Não respondeu	13	4,2%
Total	307	100%

Fonte – Elaborada pelo autor.

Nessa questão reunimos 307 unidades de registro, das quais 33,5% dos alunos já haviam feito aula de ginástica na E.F.E., 13 (4,2%) não responderam a essa questão e 18% não demonstraram interesse em ter essa vivência. 136 (44,3%) disseram querer ter aulas de ginástica. Expomos os motivos abaixo:

Gráfico 7 – Motivos para querer ter aula de ginástica na Educação Física Escolar.



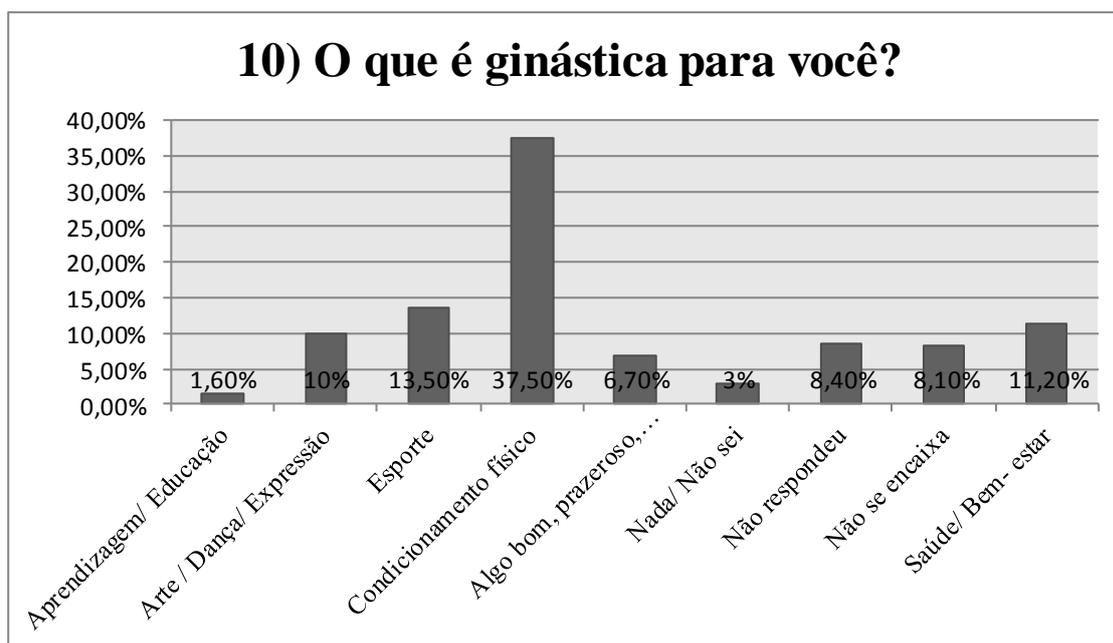
Fonte – Elaborada pela autora.

Das diferentes respostas, 20% dos sujeitos queriam essas aulas por ser algo diferente, proporcionando novos conhecimentos e aprendizados, 3,6% para obter mais flexibilidade e trabalhar o alongamento, 12,5% por ser algo bom para a saúde e para o bem estar, 7,4% por servir de aquecimento e preparação para outros esportes e 33% por ser algo bom e prazeroso, 23,55% não especificaram os motivos, mas gostariam de ter essa experiência.

Nessa questão é possível perceber o interesse dos estudantes em realizar a aula de ginástica, apesar dela não ser tão trabalhada, muitos acham prazeroso e importante para a manutenção da saúde e bem-estar.

E para finalizar, a última questão fazia a pergunta mais direta: O que é ginástica para você? Obtivemos nessa questão 355 unidades de registro, das quais 30 alunos não responderam, no entanto, várias outras respostas apareceram e assim as organizamos:

Gráfico 8 – Compreensão de ginástica.



Fonte – Elaborada pela autora.

Afirmado as questões anteriores o maior número que aparece (37,5%) considera a ginástica como atividades de condicionamento físico, seguido por 13,5% com esportes, 11,2% como algo que traz saúde e bem-estar, 10% como uma arte ou dança, 6,7% como algo bom e prazeroso e 1,6% com um aprendizado. Ainda 8,4% não responderam, 3% disseram não saber e 8,1% as respostas não se encaixavam nas unidades de registro.

Inclusive, demos exemplos de algumas das respostas desses alunos:

Tabela 6 – Exemplos de respostas de cada categoria.

Categorias	Respostas
Aprendizagem	“Uma forma de aprendizado”
Arte	“É uma forma de usar seu corpo para se expressar artisticamente”
Esporte	“É um esporte que abrange várias modalidades como artística, rítmica, entre outros”
Exercício físico	“Uma forma de exercitar o corpo”
Gostar da prática	“É uma das modalidades mais incrível que já vi”
Saúde/ Bem - estar	“Exercícios que ajudam para manter a boa forma e saúde”
Não se encaixa	“Uma coisa bem chamativa”

Fonte – Elaborada pela autora.

Como vimos durante toda a discussão a ginástica é considerada por muitos autores como exercícios de condicionamento e preparação física, o que acaba sendo transmitido para os professores que trabalham a ginástica nesse foco com seus alunos, gerando o resultado

visto aqui. No entanto a ginástica vai muito além de corridas e exercícios aeróbicos.

Uma das possibilidades de trabalhar esse conteúdo na escola seria a partir da Ginástica Geral (GG) ou como é denominada atualmente Ginástica Para Todos (GPT).

A GPT, segundo Souza (1997) é uma atividade gímnica que pode ser considerada como um fenômeno cultural, por apresentar as tradições de cada povo. Oliveira; Lourdes (2004), Souza (1997) e Ayoub (1998) afirmam ainda que diferente das ginásticas competitivas com normas rígidas, a GPT está ligada a questões educacionais e do lazer com abertura para o divertimento, para o prazer, para a simplicidade, para o diferente, com a participação de todos, tendo a liberdade de expressão e a criatividade como pontos marcantes favorecendo a liberdade de gestos em qualquer nível de complexidade, o que vai ao encontro do que esperamos de qualquer prática no ambiente escolar.

Wielewski; Mata (2007) acreditam que é bastante interessante trabalhar essa ginástica no ensino médio por englobar a dança, oportunizar a maior participação do aluno, ser de fácil acesso e ter uma diversidade infinita de movimentos, objetos e possibilidades de criação. Além disso, Montenegro (2014) reconhece que a GPT por todas suas características é a modalidade que mais se adequa dentro das escolas. Nessa perspectiva, Ayoub (p. 125, 1998) considerando a ginástica como conteúdo do currículo da educação física “caracteriza se como um conhecimento de importância indiscutível e que não pode ser simplesmente abandonado, ou colocado em segundo plano na instituição escolar”. A Ginástica Para Todos conforme Oliveira; Lourdes (2004), também privilegia a formação humana como um todo, trabalhando valores, a cultura, história e transformação de uma sociedade.

Outro aspecto a ser destacado na possibilidade de desenvolver a GPT na escola segundo Ayoub (1998) é a criação de materiais e aparelhos ou até mesmo a ressignificação de alguns deles, desenvolvendo a criatividade e enriquecendo o contexto educativo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar os conhecimentos dos alunos do Ensino Médio de algumas escolas estaduais, da regional III, de Fortaleza. Como também, investigar a vivência de ginástica dos alunos no ambiente formal e não formal, buscando subsídios dentro do contexto escolar e relacionar o conhecimento dos alunos sobre os conteúdos ginásticos com os previstos nos documentos oficiais de embasamento legal da Educação Física.

Depois da revisão bibliográfica e da análise dos resultados, pudemos perceber que apesar da ginástica ser um conteúdo intrínseco à Educação Física historicamente e previsto nos PCN's como conteúdo nas aulas ele parece não ser abordado em toda sua amplitude.

Além disso, o conhecimento dos alunos a esse assunto se restringe ao que eles veem na televisão e ao seu redor como as academias. Assim se perde a oportunidade de apresentar algo novo e diferente a esses estudantes, limitando as aulas a jogos e esportes.

Durante o período de pesquisa, foi observado que alguns alunos desconheciam as modalidades de ginásticas e muitas vezes confundiam as definições.

Sendo assim, pode-se fazer uma interferência positiva sobre o trabalho dos professores de Educação Física, fazendo com que os alunos se sintam motivados, a partir do momento que tiverem acesso a vivências de ginástica e dessa forma queiram participar das aulas na escola.

De forma geral, o quadro da educação pública apresenta problemas em relação à estrutura física e material, atrelada à falta de conteúdos diversificados e falta de conhecimento por parte dos professores, tornando assim as aulas rotineiras.

Dessa forma entendemos que é necessário haver uma maior divulgação do universo de conhecimentos ginásticos e que, este chegue ao professor que está na escola, por meio de projetos das universidades, cursos de capacitação, congresso, entre outras possibilidades de intervenção. Compreendemos que com tantos obstáculos no cotidiano do professor, ele se desestimule a buscar ampliar seus conhecimentos, mas indicamos que isso possa acontecer por iniciativa própria, e também por meio de parcerias com as universidades, secretarias de educação e outros órgãos que possam minimizar as dificuldades que os professores ainda encontram para dar continuidade à sua formação profissional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luís Rogério. **A constituição histórica da Educação Física no Brasil e os processos da formação profissional**. Anais. In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Paraná, 2009.
- ALMEIDA, Roseane Soares et al. **A teoria geral da ginástica, o trabalho pedagógico, a formação dos professores e as políticas públicas no campo da ginástica: contribuições da pesquisa matricial do grupo LEPEL/FACED/UFBA**. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. Especial, p. 98-114, dez. 2012.
- AYOUB, Eliana. **A Ginástica Geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar**. 1998. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.
- AZEVEDO, Edson Souza de; SHIGUNOV, Viktor. **Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em Educação Física**. Kinein, Florianópolis, v.1,n.1, set./dez. 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; SALGADO, Simone da Silva. **Educação Física: dilemas da disciplina no espaço escolar**. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.204-220, Jul/Dez 2011.
- BENTO, Clovis Claudino; JUNIOR, Luiz Gonçalves. **O corpo na mídia e a educação física escolar: a percepção dos alunos da quarta série do ensino fundamental acerca das capas da revista Época**. Anais. In: 4º Congresso científico Latino-Americano de Educação Física / 2º Congresso Latinoamericano de motricidade humana: Educação Física, Cultura e Sociedade: Contribuições teóricas e intervenções da Educação Física no cotidiano da sociedade brasileira. Piracicaba. v. 1. 2006.
- BETTI, I. C. R. **Esporte na escola: mas é só isso, professor?** Revista Motriz, v. 1, n. 1, p.25-31, jun. 1999.
- BRACHT, Valter. **A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física**. Cad. Cedes, Campinas, vol.19, n.48, p.69-88, aug. 1999.
- BRASIL. Lei nº. 9.394. **Diretrizes e bases da educação nacional**, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTRO, Alessa Oliveira Jorge de; FREITAS, Gustavo da Silva. **Ginásticas como conteúdo das aulas de Educação Física em Escolas Municipais de Rio Grande/RS**. Revista Didática Sistemática, Rio Grande- RS, v. especial, p. 82- 96. 2013.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. **Metodologias de Apoio: matrizes curriculares para ensino médio**. Fortaleza: SEDUC, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina (Org.). **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos**. 6. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

FORTALEZA. Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza. **Expectativas de Aprendizagem do Ensino Fundamental II**. Fortaleza, 2015.

FREIRE, J. B. Esboço para organização de um currículo em uma escola. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Anais do XI CONBRACE (caderno 2), v. 21 (1), p. 70-84.1999.

JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza; DARIDO, Suraya Cristina. **Dispensas das aulas de Educação Física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação brasileira**. Revista Pensar a Prática, v. 12, n. 2, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARA, Larissa Michelle. et al. **Dança e Ginástica nas Abordagens Metodológicas da Educação Física escolar**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 155-170, jan. 2007.

MARCASSA, Luciana. **Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas**. Revista Pensar a Prática, Goiás, v.7, n. 2, p. 171- 186, jul./dez. 2004.

MATOS, J. M. C; et. Al. **A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 123-148, abr/jun de 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTENEGRO, João Otávio Lima. **Contribuições da “Ginástica Para Todos” na Educação Física Escolar**. 2014. Monografia (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Mato Grosso do Sul, 2014.

OLIVEIRA, Alessa, et al. **A prática das Ginásticas na Educação Física Escolar**. Revista Didática Sistemica, Rio Grande- RS, v. especial, n. 1, p. 260- 277. 2012.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de; Lourdes, Luiz Fernando Costa de. **Ginástica Geral na escola: uma proposta metodológica**. Revista Pensar a prática, v. 7, n. 2, p. 221-230, nov. 2004.

PAOLIELLO, Elizabeth. **O Universo da Ginástica**. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2011.

PERDOMO, Aloísio Viane Paiva. **A ginástica no Brasil: Percurso histórico no currículo escolar**. Londrina, 2011.

PEREIRA, Ana Maria; CESÁRIO, Marilene. **Ginástica nas aulas de Educação Física: o**

“aquecimento corporal” em questão. Revista da Educação Física/ UEM, Maringá, v. 22, n. 4, p. 637-649, 4. trim. 2011.

PEREIRA, FLÁVIO MEDEIROS. **A favor da ginástica no cotidiano da Educação Física no Ensino Médio.** Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, Pelotas-RS, V. 11, N. 2, P. 47-58. 2006.

PRADO, Núbia da Silveira. **A Ginástica Rítmica como proposta pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar: uma experiência em Palmas – Tocantins.** In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2009, Paraná. Anais eletrônicos... Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <
<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/cartazesartigos/artigocartaz6.pdf> >. Acesso em: 14 out. 2015.

RINALDI, Ieda Parra Barbosa. **Ginástica rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção.** Revista Bulletin FIEP, v. 75, n. especial. 2005.

ROSÁRIO, L. F. R; DARIDO, S.C. **A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes.** Revista Motriz, Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005.

RUSSO, Renata. **Imagem corporal: construção através da cultura do belo.** Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, São Paulo, v.5, n.6, jan./jun. 2005.

SANTOS, Douglas Costa dos; TRINDADE, Patrícia dos Santos. **A evasão dos alunos do Ensino Médio nas aulas de Educação Física na percepção dos professores da E.F. Brandão de Amorim do município de Parintins-AM.** In: XVIII CONBRACE e V CONICE, Brasil, jun. 2013. Brasil, jun. 2013. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5402>. Acesso em: 16 jan. 2017.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **O Projeto Crescendo com a Ginástica: uma possibilidade na escola.** 2003. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

SCHIAVON, Laurita Marconi; NISTA-PICCOLO, Vilma L. **A ginástica vai à escola.** Movimento, Porto Alegre-RS, v. 13, n. 3, set-dez, p. 131-150. 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo.** Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes europeias e Brasil.** Campinas, São Paulo: Autores e Associados, 1994.

SOARES, et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **GINÁSTICA GERAL: Uma área do conhecimento da Educação Física. 1997.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.

WIELEWSKI, Rita de Cássia; MATA, Vilson Aparecido. **Ginástica no Ensino Médio.** Cadernos PDE, Paraná, v.1, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO**Questionário**

Sexo: _____

Idade: _____

1) Você participa/já participou das aulas de Educação Física? Sim. Em que séries? _____ Não. Por quê? _____**2) Qual a forma da aula?** Prática Teórica Não tenho**3) Quais conteúdos já aprendeu nessas aulas?** Esportes Danças Ginásticas Lutas e capoeira Jogos**4) Quais ginásticas você conhece?** Rítmica Artística Geral de Trampolim Laboral Acrobática de Academia Hidroginástica Aeróbica Outras _____**5) De onde conhece essas ginásticas?** Televisão Aula de Educação Física Apresentações Intercolégiais, Jogos Escolares Projetos Sociais Prática alguma

Outros _____

6) Já teve ginástica na aula de Educação Física? Quais?

Sim, _____

Não

7) De que forma teve a ginástica?

Aula prática Aula teórica

Assistiu vídeos Alongamentos

Aquecimento para outros esportes

Outros _____

8) Se você teve ginástica nas aulas de Educação Física gostou da experiência com esta prática? Por quê?

Sim Não

9) Se não teve gostaria de ter aulas de ginástica? Por quê?

Sim Não

10) O que é ginástica para você?

ANEXO 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Prezado (a) Responsável pela Escola Estadual _____

(Responsável)

Vimos por meio desta solicitar de V. S^a. **autorização para a realização de pesquisa de conclusão de curso da Universidade Federal do Ceará - UFC**. A pesquisa intitula-se *A concepção de Ginástica dos alunos do Ensino Médio de escolas Estaduais de Fortaleza*, orientada pela Profa. Esp. Lorena Nabanete dos Reis, docente do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará – UFC.

O objetivo geral da pesquisa é analisar os conhecimentos dos alunos do 3ºano do Ensino Médio das escolas estaduais da regional III de Fortaleza acerca dos conteúdos da ginástica.

Para o desenvolvimento da pesquisa será elaborado um questionário, que buscará subsídios dentro do contexto da educação formal, mais especificamente no Ensino Médio, para investigar a vivência de ginástica dos alunos no ambiente formal e não formal, verificará no currículo das escolas o planejamento dos conteúdos ginásticos na Educação Física Escolar e relacionará o conhecimento dos alunos sobre os conteúdos ginásticos com os previstos no currículo da escola.

O sigilo das informações será preservado por meio de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Nenhum nome, identificação de pessoas, locais e instituições, especificamente, interessa a este estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e elaboração da monografia. Além disso, informamos que este estudo é realizado de acordo com as normas do Comitê de Ética da UFC e que eventuais dúvidas podem ser esclarecidas com a pesquisadora responsável Isabelly Rocha (85) 998011735 e com a professora orientadora prof. Lorena Nabanete dos Reis (85) 996769365.

Equipe:

Nome: Isabelly Rocha – (85) 998011735

Nome: Lorena Nabanete dos Reis - (85) 996769365

Eu _____, responsável pela Escola Estadual _____, após ter lido todas as informações e esclarecidos todas as minhas dúvidas referentes ao estudo, autorizo a acadêmico do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Ceará - UFC, Isabelly Maria Moreira Rocha, e a prof. Esp. Lorena Nabanete dos Reis, a realizarem a pesquisa.

Responsável

Qualquer dúvida ou esclarecimento procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará. Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo. Telefone: 3366-8338. Fortaleza –CE.